

## HISTORICIDADE, TRAUMA E RESTITUIÇÃO DA RELAÇÃO COM A EXPERIÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA

HISTORICITY, TRAUMA AND RESTITUTION OF CONNECTION WITH EXPERIENCE CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS TO THE STUDY OF HISTORY

Rodrigo de Oliveira Soares\*  
teachershistoria@hotmail.com

**RESUMO:** Neste artigo pretendemos desenvolver uma discussão sobre como a Psicanálise pode contribuir para refletir a História do Brasil, tendo como base a historicidade. Defendemos que a ciência fundada por Freud se constrói por um viés de conscientização de nossa temporalidade, ou seja, a partir da relação do sujeito (trauma – mal-estar – sofrimento – sintoma) com passado, presente e futuro, pois acreditamos que a partir desse encontro teórico podemos ampliar a discussão e a reflexão sobre a História do Brasil a partir do tempo Presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise; Trauma; Historicidade; Tempo Presente.

**ABSTRACT:** From it on, we intend to develop a discussion about how Psychoanalysis can contribute to reflect the History of Brazil, based on historicity. We defend that science founded by Freud built by an awareness bias of our temporality, that is, from the subject's relationship (trauma - malaise - suffering - symptom) with past, present and future. We believe that from this theoretical meeting we can expand the discussion and reflection on the History of Brazil from the present time.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis; Trauma; Historicity; Present Time.

### *Análise como exercício da Historicidade*

O sofrimento psíquico é fruto de uma relação traumática (choque em princípio de prazer com o princípio de realidade) ocorrida em nosso passado (infância ou eventos como guerras, genocídios e outros tipos de violência) e/ou de nossas primeiras relações com o mundo externo. Dessa forma, os traumas que recalamos com o passar do tempo voltam-nos no presente como repetição (sintomas – sofrimento). Para nossa reflexão, essas repetições se apresentam como uma carência de orientação diante de nossa situação existencial, pois sofremos e não sabemos (pelo menos conscientemente) o porquê ou de onde vem esse sofrimento.

Nossa reflexão se propõe a demonstrar que a relação estabelecida no processo analítico tende a ser da conscientização do sujeito de sua historicidade (consciência de sua temporalidade), uma vez que o que causa sofrimento a ele agora é fruto de uma construção histórica do eu. Assim, a análise se inicia a partir de uma leitura retrospectiva perspectivada do passado (trauma), ou seja, é na experiência do sujeito que se encontra possibilidades de

---

\*Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Senador Canedo.

compreensão das origens de seu sofrimento; “Se o passado (ao ter lugar e forma em um momento decisivo no decorrer de uma crise) é *recalcado*, ele retorna mas sub-repticiamente, ao presente do qual havia sido excluído” (CERTEAU, 2016, p. 71).

O processo analítico nos faz saber como lidar com o sofrimento de maneira historicizada para que com isso se possa saber agir e, a partir desse exercício, construir um outro horizonte de expectativa.

Captar como o método analítico da psicanálise se propõe a fazer os sujeitos compreenderem seus sofrimentos a partir da relação com sua historicidade. Sendo assim, o exercício inerente ao trabalho da análise é aqui considerado um exercício de conscientização histórica, e por esse motivo acreditamos poder fazer uma leitura dialógica entre a Psicanálise e a História.

nem historiadores se encontram livres da psicanálise, nem os psicanalistas estão livres da história. Por quê? De um lado, não é possível escrever História apenas com a verdade material dos fatos, isto é, ignorando a verdade histórica que cada sujeito/cultura é chamado a viver em relação à herança recebida da geração anterior. De outro, conforme também Anne - Lise Stern (2004) sustenta, não se pode deixar de reconhecer que pelo fato de a psicanálise ser uma história particular do sujeito, por estar ligada à linguagem, essa história faz parte da grande história. (FUKCS apud RAMOS, LEITE, AIRES, 2017, p.46)

Nossa sociabilidade é construída sob uma relação de distanciamento com temporalidade, nos tornando “alguém com déficit crônico do tempo” (HARTOG, 2015, p.149). Com isso, não conseguimos estabelecer a consciência de que somos fruto de uma construção histórica, ou seja, a realidade se torna um exercício de repetição (sintoma).

Uma relação de déficit para com a temporalidade no Brasil pode ser expressada pela retirada da máscara da cordialidade brasileira, uma vez que uma nação que não faz jus a sua história traumática, acaba por se relacionar com o presente desnutrido de consciência de nossa experiência, fazendo com que continuemos a repetir culturalmente comportamentos que nos remetem ao nosso passado, “Aquilo que herdastes de teus ancestrais, conquista-o para fazê-lo seu” (FREUD apud RAMOS, LEITE, AIRES, 2017, p.47).

A história costuma ser definida como uma disciplina com grande capacidade de “lembrar”. Poucos se “lembram”, porém, do quanto ela é capaz de “esquecer”. Há ainda quem caracterize a história como uma ciência da mudança no tempo. Quase ninguém destaca, no entanto, sua genuína potencialidade para reiterar e repetir. E a história brasileira não tem como escapar a essas ambiguidades fundamentais: se ela é feita do

encadeamento de eventos que se acumulam e evocam alterações substanciais, também anda repleta de seleções e lacunas, reais e invisibilidades, persistências e esquecimentos. Além do mais, enquanto na sucessão cronológica do tempo destacam-se as alterações cumulativas, marcadas por fatos e eventos isolados — alterações de regime, golpes, mudanças econômicas, sociais e culturais —, não é difícil notar a presença de problemas e contradições estruturais que continuam basicamente inalterados, e assim se repetem, vergonhosamente: a concentração de renda e a desigualdade, o racismo estrutural, a violência das relações, o patrimonialismo. (SCHWARTZ, 2019, p. 223)

Ao nos apropriarmos da epistemologia psicanalítica, defendemos que a História pode ocupar esse lugar no qual o sujeito poderá reconhecer os motivos dessas repetições não refletidas, e a partir daí construir um processo de mudança. Assim, creio que a proposta do pensamento psicanalítico se encontra nesse sentido, em que o sujeito se reconhece com um ser histórico, com isso se assume como tal e a partir disso pode dar início a um processo de mudança.

A articulação entre história pessoal e história coletiva, sabemos, é imprescindível à transmissão de um trauma e, portanto, à direção do tratamento analítico, na medida em que este implica em levar o sujeito a reconhecer a história da qual ele faz parte para assumir a responsabilidade pelos seus atos. (FUKCS apud RAMOS, LEITE, AIRES, 2017, p.46)

Assim, a “história social do indivíduo dá algum sentido ao que na sua fala encontra-se sem sentido” (FUKCS apud RAMOS, LEITE, AIRES, 2017, p.46), sejam nossos entes queridos, seja a violência policial, devem ser tratados não apenas como seres essencialmente perversos, mas produto de uma construção histórica traumática que até hoje não foi seriamente colocada sob justiça, ou pelo menos nunca foi um projeto levado a sério, ou seja, os sujeitos assimilaram práticas e comportamentos de sua experiência histórica, com baixo entendimento dessa experiência e a história não consegue fazer com que esses mesmos se conscientizem dessa situação, rompendo com *apolítica do avestruz* apontada por Freud:

Usualmente, ele se contentava em se queixar dela, desprezá-la como bobagem, subestimá-la em sua importância, mas de resto continuava com o comportamento recalcante em relação a suas manifestações, adotando a política do avestruz contra as origens da doença. (FREUD, 2017, p.151)

A negação desse passado traumático se torna uma forma de estabelecer um regime de historicidade sem um horizonte de expectativa de mudança, pois estabelecemos uma relação em que nada muda, ou de alguma forma partíssemos para a ação, nada se

transformaria, viveríamos um eterno presente, quando pensamos que tudo é, sempre foi e será assim, ou seja, “um presente nada além do presente”(HARTOG, 2015, p.145).

Desconstruir essa situação se torna difícil, pois perpassa em lidarmos com um passado traumático que “traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer” (FREUD, 2010, p. 179), e a história pode nos proporcionar ferramentas para que a partir de uma leitura retrospectiva perspectivada de nosso passado. O lembrar na psicanálise contribui com a reflexão histórica, pois nos leva a pensar o que é repetido/recalcado como um modo de se fazer presente o que foi originado no passado; “É no arsenal do passado que o doente busca armas com as quais se defende da continuidade do tratamento e que precisamos tirar dele peça” (FREUD, 2017, p.156).

“O morto assombra o vivo; ele re-morde (mordida secreta e repetida)” (CERTEAU, 2016, p. 71), expressa como as resistências operam no subjetivo social brasileiro, análogo ao paciente analisado lidando com as origens de seu sofrimento. Sendo assim, a proposta psicanalítica perpassa pelo sujeito lidando com sua temporalidade e a conscientização de sua patologia para fins práticos de sua vida cotidiana.

Precisamos dar tempo ao paciente, para que ele se aprofunde na resistência que até então era desconhecida, para se laborá-la, superá-la, na medida em que ele, a ela ressentindo, continua o trabalho de acordo com a regra analítica fundamental. (FREUD, 2017, p. 161)

Na elaboração, o sujeito tem a oportunidade de refletir sobre o seu sofrimento (origem) a partir de seus sintomas. Ele, ao se voltar para o passado, capta nos fragmentos da memória aquilo que é inconsciente, e a partir disso pode construir recursos simbólicos para nomear o que antes estava recalcado; ao nomear, dá início ao processo de construção da narrativa historicizada do sujeito, na qual o que era recalcado no inconsciente (Id) ganha sentido e passa para o plano do consciente (eu), o que o faz sofrer vai sendo compreendido e com isso uma perspectiva de melhora da vida prática vai se instituindo, “A patologia funciona aqui como um instrumento epistemológico, capaz de revelar estruturas e operações invisíveis olho nu” (AMBRA, 2014).

Ao pensarmos a História pelas premissas da psicanálise nos encaminhamos para pensar que a elaboração compreende ao processo de tomada de consciência da historicidade do sujeito a partir de seu sofrimento, sendo assim o exercício da análise também é uma forma de pensar historicamente a existência do sujeito. “Esse retorno ao

passado era desejado com finalidade de esclarecer as questões do presente” (GIARD apud CERTEAU, 2016, p. 18).

O exercício de lembrar, repetir e elaborar na análise é uma forma de captura da consciência histórica do sujeito que se apresenta no campo do inconsciente, e como tal não é meta a ser alcançada, mas, sim, como algo que precisa se fazer presente para poder se vislumbrar uma vida melhor, pois no exercício analítico o sujeito conseguirá se haver com mais êxito com a desorientação diante do sofrimento.

O sujeito que se coloca na situação de analisado cria as condições de parar e refletir sobre sua realidade e existência (outro-relação-alteridade-identidade), a partir de um outro “Regime de Historicidade”(HARTOG, 2014) com o objetivo de melhorar sua vida a partir do entendimento do que nós somos.

Refletir sobre nossa história a partir da historicidade psicanalítica pode contribuir para ampliação do entendimento da História no presente, e a partir dela podemos estabelecer uma conscientização acerca da nossa experiência de vida, e ela como forma de se experienciar a História, para além de entender o que nós somos e podermos começar a entender o mundo em que vivemos.

O exercício de elaborar é o momento em que a narrativa de nossas experiências vividas ganha sentido, e ao compreender por que sofremos, o sujeito se percebe com alguma singularidade. Pois bem, é neste sentido que a História (ciência e ensino) tem o papel de nos orientar, pois segundo Koselleck(2014, p.30): “A “história” é e continua a ser uma ciência da experiência”.

A História ocupa este papel na elaboração, uma vez que ela nos serve para construir e entender o sentido (ou sentidos) da vida dos sujeitos a partir da relação com a experiência histórica, acreditamos que entender como essa relação se dá contribui para que possamos ajustar as nossas contas com nossa própria história, segundo o filósofo e psicanalista Vladimir Safatle(2018)em entrevista: “Quando você não acerta suas contas com a história, a história te assombra”.

Mas é esse passado que vira e mexe vem nos assombrar, não como mérito e sim tal qual fantasma perdido, sem rumo certo. O nosso passado escravocrata, o espectro do colonialismo, as estruturas de mandonismo e patriarcalismo, a da corrupção renitente, a discriminação racial, as manifestações de intolerância de gênero, sexo e religião, todos esses

elementos juntos tendem a reaparecer, de maneira ainda mais incisiva, sob a forma de novos governos autoritários, os quais, de tempos em tempos, aparecem na cena política brasileira. (SHWARCZ, 2019, p.224)

O ‘ajuste de contas’ com a nossa história precisa trazer para consciência aquilo que culturalmente se tornou inconsciente, ou seja, captar a consciência histórica inerente à sociedade brasileira hoje, para que com isso possamos iniciar um processo de pensar historicamente nossas relações no mundo e com o mundo.

### *História do Brasil pela via do trauma: Elaboração Histórica e a Atrofia da Experiência*

A psicanálise epistemologicamente pode nos ajudar a fazer a leitura da História do Brasil pela via do trauma; este pode ser tomado como fruto de uma atrofia da experiência dos brasileiros, nossas vivências devido a relação de acelerada com a nossa temporalidade nos torna deficitários na elaboração sobre elas, sendo assim, produzimos uma relação com nós mesmos e com a realidade “sem sentido da vida, de sua brutalidade” (BENJAMIN, 2000).

Todo o sentido – a verdade, o bem, a beleza – é baseado dentro de si. O que, então, a experiência significa? E aqui está o segredo: uma vez que ele jamais levantou seus olhos ao grande e ao cheio de sentido, o filisteu tomou a experiência como seu evangelho. Ele se tornou para ele uma mensagem sobre a banalidade da vida. [...] Por que a vida é sem sentido ou confortável para o filisteu? Porque ele sabe o que é a experiência e nada mais. (BENJAMIN, 2000, p. 3-4)

Entendemos que o “homem privado da experiência é o homem privado de história” (ROUANET, 1981) no caso brasileiro é expresso em repetições (operação do recalque) de comportamentos autoritários (racistas, machistas, lgbtqi+fóbicos) criando uma sensação de um eterno presente, no qual nada muda. A relação com nossa história se estabelece como a do sujeito angustiado pelo sofrimento, uma relação em que nos sentimos em uma situação que nunca muda, em que estamos sempre no mesmo lugar, perdemos nossa relação com nossa historicidade (consciência de nossa relação com a temporalidade), e com isso ficamos incapacitados de pensar historicamente nossas questões.

A psicanálise articula-se a partir de um processo que é o núcleo da descoberta freudiana: o retorno do reprimido. Esse “mecanismo” utiliza a concepção do tempo e da memória; nesse caso, a consciência é, simultaneamente, a máscara ilusória e o vestígio efetivo de acontecimentos que organizam o presente. (CERTEAU, 2016, p.71)

Nossa atrofia de experiênciase apresenta como alienação de nossa historicidade reforçada pela aceleração e o bombardeio de novas sensações que o mundo moderno capitalista nos envia a todo momento, situação essa que aprofunda uma situação de

recalcamento histórico de nossa cultura, não nos conscientizamos por não termos espaço para refletir sobre nossas práticas cotidianas, não é nos dado o tempo para elaborar juízo sobre o que somos e o mundo em que vivemos, pois, “A consciência está, pois, continuamente mobilizada contra a ameaça do choque [...]” (ROUANET, 1981, p.45).

Sem memória, sem experiência, sem passado, ele deixa arrastar pela massa, totalmente atento aos perigos imediatos, totalmente inconsciente das ameaças profundas – capaz de defender-se do choque, mas ao preço de um comportamento reflexo, que privilegia a vivência e atrofia a experiência. (ROUANET, 1981, p. 52)

A pobreza de experiência nos faz agir com indiferença em relação as nossas práticas cotidianas e, como um angustiado pelo sofrimento psíquico, nossa sociedade se vê assombrada pelos fantasmas do passado. O racismo de cada brincadeira, a homofobia de cada piada, a violência policial que não causa indignação, a desigualdade naturalizada estão presentes em cada vivência cotidiana, porém não são elaboradas e, não elaborando, apenas repetimos, o presente se apresenta como um lugar “[...] que não é passagem, mas o qual o tempo se fixou e parou” (BENJAMIN, 2012, p.19).

Para conseguirmos pensar a realidade brasileira historicamente a partir do presente, propomos em tomar a reflexão sobre a história a partir de “uma postura psicanalítica que vê o confronto da História como um processo paralelo ao de uma perlaboração do trauma [...]” (SILVA, 2003, p. 76), a partir desta perspectiva podemos fazer o passado *trabalhar* no sentido de fazer asquestões presentes serem entendidas a partir de uma leitura retrospectiva do passado com a intenção de mudança.

Estabelecer uma analogia entre essa recomendação clínica de Freud e os processos da memória coletiva encontra, naturalmente, alguns limites: sobretudo porque é difícil não ver no racismo, no fascismo ou na tortura, algo de vergonhoso e desprezível (*verächtlich*). Mas o que é instigante aqui é o apelo, tipicamente iluminista, de Freud para criar coragem — “*Mutgefasst!*”, dizia já Kant —, de enfrentar a doença, o passado, para esclarecê-los; para, afinal, compreendê-los, mesmo que tal compreensão não passe por uma cadeia de argumentos lógicos e deduções meramente racionais. *Mutatis mutandis*, o paciente deve ousar fazer uso do seu próprio entendimento para sair de sua menoridade auto-culpada, sair da complacência na queixa, isto é, sair do registro da queixa e da acusação, da *Klage* e da *Anklage*, que Freud relaciona num outro texto, “Luto e melancolia” (“*TrauerundMelancholie*”) [...] (GAGNEBIN, 2009, p. 104)

Esse trabalho toma o pensar histórico como uma elaboração históricade um processo histórico traumático, dando início a um processo de desalienação temporal, pois,

ao tomarmos o trabalho do historiador a partir da postura psicanalítica, buscamos esclarecer os sujeitos sobre seu recalque e, com isso, eles podem se propor a mudar, rompendo com a barbárie da repetição cultural de um passado histórico traumatizado.

É próprio da experiência traumática essa impossibilidade do esquecimento, essa insistência na repetição. Assim, seu primeiro esforço consistia em tentar dizer o indizível, numa tentativa de elaboração simbólica do trauma que lhes permitisse continuar a viver, simultaneamente, numa atitude de testemunha de algo que não podia nem devia ser apagado da memória e da consciência da humanidade. (GAGNEBIN, 2009, p. 99)

O papel da elaboração histórica é um exercício de compreensão dos comportamentos sociais a partir do processo histórico, perceber que o autoritarismo como construção histórica, e como tal, pode ser pensado, desconstruído e transformado, ou seja, fazer ser vista às contradições de nossas práticas que nos aparecem, como angústia, desorientação, repetição e esquecimento.

A verdadeira imagem do passado passa por nós de forma fugidia. O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento. “A verdade não nos foge”: essa fórmula de Gottfried Keller assinala, na concepção da história própria do historicismo, precisamente o ponto em que essa concepção é destruída pelo materialismo histórico. Porque é irrecuperável toda a imagem do passado que ameaça desaparecer com todo o presente que não se reconheceu como presente intencionado nela. (BENJAMIN, 2012, p. 11)

A incapacidade de compreensão se passa em não perceber que o passado não é uma presença linear, pois é no campo da experiência que o passado se institui, sendo assim, é uma questão do inconsciente e, como tal, é impossível acessá-lo por completo, são eles cacos, como nos ensina a psicanálise e são reconstruídos peça por peça, sendo assim o historiador

[...]seria a figura do trapeiro, do Lumpensammler ou do chiffonnier, do catador de sucata e de lixo, esta personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder [...]. (GAGNEBIN, 2009, p. 104)

O papel da história seria então nos fazer reconectar a esse passado fragmentado com o objetivo de nos tornarmos sujeitos mais ativos em nosso meio, acreditamos que a História pensada pelo viés psicanalítico tem um papel de esclarecimento dos sujeitos pela via da historicidade da clínica, contribuindo para que possamos compreender a História do Brasil como uma experiência de trauma. Nesse sentido, a



História ocupa uma posição que servirá para que possamos nos haver com o passado para que com *coragem e atenção* capturemos no presente as saturações de passado que persistem em dar continuidade a nossas práticas, por esse viés podemos fazer justiça para com a nossa História intencionados a mudar.

um trabalho de elaboração e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento — do passado e, também, do presente. Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos. (GAGNEBIN, 2009, p. 104)

A elaboração histórica nos aponta como o passado se encontra encoberto no presente, como uma atualidade como nos ensina Benjamin (2006), interpretando os escritos de Freud, como já refletido na primeira parte deste texto, pensarmos historicamente pela via da psicanálise contribui para reforçar a ideia de que nossa atrofia de experiência é produto de uma alienação de nossa historicidade. Ao elaborarmos historicamente o presente com uma atualidade do passado, podemos expor o que está recalcado “a partir de uma confrontação do presente com o passado” (GAGNEBIN, 2014, p.201)

Em oposição à concepção achatada e trivial de “atualidade” como presentificação, isto é, como repetição de um valor eterno do passado no presente, concepção apologética e repetitiva, Benjamin forja um conceito intensivo de atualidade (Aktualität) que retoma a outra vertente semântica da palavra, ou seja, vir a ser ato (Akt) de uma potência. Uma potência que jaz encoberta “como confiança, como coragem, como humor, como astúcia, como tenacidade” nas obras do passado e que cabe ao presente reencontrar. Essa atualidade plena designa muito mais a ressurgência intempestiva de um elemento ocultado, esquecido dirá Proust, recalcado dirá Freud, do passado no presente – o que também pressupõe que o presente esteja apto, disponível para acolher esse ressurgir, reinterpretar a si mesmo e reinterpretar a narrativa de sua história à luz súbita e inabitual dessa irrupção. (GAGNEBIN, 2014, p.204)

Pensar a História do Brasil pelo viés da elaboração do trauma no leva a operar pela perspectiva do vir a ser, rompendo com que já é. A historicidade apresentada no exercício analítico propõe a nos banharmos nas águas da temporalidade para melhor refletirmos sobre o passado. Como “Freud observa que, os mortos voltam a falar” (CERTEAU, 2016, p.78) e o exercício de elaboração histórica nos dá a coragem de ouvir e dialogar com esses mortos.

Elaborando historicamente nossa realidade, praticas cotidianas serão tratadas como uma expressão (sintoma) de um trauma histórico, confrontando o passado e presente

faz com que o que está recalcado se exponha, e a partir daí uma elaboração histórica pode ser promovida pelo professor em conjunto com a sala de aula, corajosa e atentamente com objetivos transformativos e de ruptura com o “discurso histórico edificante e apologético que confirma a continuidade da dominação” (GAGNEBIN, 2014, p.203).

*A Historicidade Psicanalítica - Restituição da Relação com a Experiência (Narrativa) para combater e Indiferença Social*

Nesse trabalho, acreditamos que, a partir desta restituição, podemos reintegrar experiência individual à coletiva, nos ensina a psicanálise que a psicoterapia não é algo individual, mas objetiva reenviar o sujeito a um tipo de sociedade. Em suma, como nos ensina Marx, “os homens são finalmente forçados a enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens” (MARX apud BERMAN, 2007, p. 111). A partir disto, podemos reconstituir e reconstruir (sob novos alicerces) nossa relação com a experiência histórica.

Ao tomarmos a historicidade psicanalítica como via interpretativa da história, poderemos problematizar as questões culturais brasileiras a partir de uma visão em que nossas práticas sociais são tomadas como sintomas de atualidade de nosso passado histórico não elaborado, potencializados por nossa relação acelerada com a temporalidade (vivência – informação > experiência – narrativa), quando os sujeitos históricos estão “totalmente inconscientes das ameaças profundas [...] comportamento reflexo, que privilegia a vivência e atrofia a experiência” (ROUANET, 1981, p. 52), situação essa que causa o que o Freud chamou de Mal -Estar.

A noção de mal-estar (Unbehagen) aparece em Freud designando um conjunto de impasses civilizacionais que interpretam o que nós chamamos de cultura: a contradição entre ricos e pobres, a impotência da educação para efetivar seus ideais, a precariedade de nossas normas e leis, a disjunção entre ética e política. Uma característica do mal-estar é que ele exprime uma série de pressupostos existenciais incontornáveis: estamos todos juntos neste mundo, do qual não podemos sair. Nossos corpos se degradam, a natureza nos fustiga, nossas convenções se voltam contra nós e, por mais que inventemos “técnicas de felicidade”, elas devem ser humildemente consideradas como paliativos para o mal-estar. Contudo, o mal-estar não é a violência nem a destrutividade humana nem qualquer figura do pessimismo moral. O mal-estar é a lembrança perene de nossa condição trágica de existência. (DUNKER, 2015, p.55)

Em nosso caso específico, o mal-estar da cultura brasileira “agora pode ser redescrito como perda da experiência” (DUNKER, 2011, p.131); essa perda da experiência

pode ser tomado temporalmente falando, como a tradução de um presente saturado de passado e não elaborado historicamente. A perda de experiência citada por Dunker, pode ser vista como uma perda da relação do sujeito com a experiência, essa situação é resultante de uma experiência histórica traumática e nos faz observar como “muitas pessoas entre nós nem precisam esquecer: simplesmente ignoram; ignoram” (GAGNEBIN, 2014, p.99) o fato de que o mal-estar no Brasil nomeado de violência na verdade é a expressão de uma História construída sob a perspectiva do autoritarismo.

Algo análogo está em curso no Brasil de nosso tempo. Ganha força o discurso de que nosso mal-estar pode ser nomeado, e pode ser facilmente nomeado na forma da violência. Ademais, essa nomeação é ela mesma violenta, como se vê nas coberturas jornalísticas e na cosmética da violência habitualmente chamada de sensacionalista. De tal forma que a violência do discurso sobre a ascensão da violência torna-se imperceptível. E a violência, como nome para nosso mal estar, começa a captar para si, de modo convergente, todas as nossas narrativas de sofrimento. [...] É por isso que a violência é também um bloqueio ou a suspensão das relações simbólicas de reconhecimento, dos semblantes imaginários, escondendo mais ainda, por meio de uma “cosmética da violência”, o núcleo real do antagonismo social. Essa convergência de nosso sofrimento para um único ponto, um único bode expiatório, seja a esquerda patológica, sejam os homossexuais, os políticos corruptos, os negros ou os pobres, realiza uma espécie de sutura que veste e constrói um objeto imaginário, que nos acalma porque localiza todo o perigo em um mesmo lugar. Como se assim pudéssemos nos defender melhor dele. (DUNKER, 2015, p.55-56)

Nosso mal-estar é a expressão de nosso trágico passado em atualidade (repetição), como respondeu a historiadora Lilia Moritz Schwarz (2020) em entrevistas dadas ao portal: “Nós fomos sempre autoritários. Não é uma surpresa”, o que aconteceu em nosso país na verdade é que nós “tiramos a máscara da cordialidade” e, sem nenhuma vergonha, assumimos o que é de mais nefasto na nossa História”. Ao observar essa dinâmica presente, podemos fazer a inferência de que a resposta da historiadora corrobora com que Benjamin (leitura freudiana) nos aponta sobre elaborar o passado, em que se faz necessário reconhecer no presente os lampejos de passado existentes (estar atento). O *fomos sempre* é a percepção do passado que nunca se foi, ele persiste, como vestígio, nos angustiando, nos movimentando ou paralisando, sendo assim é só com seu reconhecimento que podemos superá-lo (redimir).

Ao reconhecermos o passado nos vestígios deixados no presente, isso nos leva ao exercício de reconstituição de nossa relação com a experiência histórica, a partir de uma

elaboração histórica. Com isso, criamos a possibilidade de quebrarmos o que *sempre fomos*, mas, principalmente contribui para que observemos nosso tempo com mais atenção e coragem na busca de transformá-lo. A nossa relação com a experiência histórica precisa se apresentar como choque no sentido do analisado (lembrando e elaborando um trauma), em que o *fomos sempre autoritários*, é substituído pelo *porque somos autoritários?*(*o que nos faz autoritários?*), ou seja, o choque que recalamos na vivência é substituído pelo choque do confronto do passado e o presente, o que é uma afirmação torna questionamento que abala as estruturas da cultura autoritária brasileira.

O homem novo tem que emergir das ruínas do antigo. A cultura tem sido historicamente, a cultura dos vencedores. O esvaziamento da tradição não é necessariamente um mal, pois enquanto arquivo da injustiça ela contribui, de certo modo para perpetuá-la. (ROUANET, 1981, p.53)

Este *homem novo* restituído de sua relação com a experiência histórica consegue perceber como nosso presente é a reprodução de um Mal Estar (Espírito Autoritário) historicamente construído e, como tal, produz sofrimento social que se expressa, seja no racismo cotidiano das relações sociais, no machismo cristalizado nas relações de gênero e nas relações patrimoniais intrínsecas nas relações institucionais brasileiras.

Restituir nossa relação com a experiência histórica é compreender o elaborar proposto por Freud, como o trabalho do sujeito em historicizar seu sofrimento, ou seja, tornar consciente o que o faz sofrer a partir dos fragmentos do passado presentes em seu inconsciente e, com isso, nomear o que o faz sofrer, ou seja, esse trabalho só pode desdobrar quando readquirimos a capacidade de narrar nossas experiências (relações, afetos, sensibilidade). Em resumo, restituir nossa relação com a experiência histórica é restituir nossa capacidade de narração e de construir a narrativa, ou seja, de fazer nossa relação com o mundo e no mundo ganhe sentido.

Historicamente pensando, é na narrativa que fazemos com que experiências façam sentido no trabalho da elaboração histórica; é nela que articulamos nossas experiências individuais com a experiência coletiva e restabelecemos nossa relação com experiência histórica.

Na narração, o acontecimento é incorporado à vida do narrador, que a transmite, como experiência, ao ouvinte. É por isso, que o narrador deixa nele seus traços, como oleiro deixa a marca de sua mão no vaso de argila. (BENJAMIN apud ROUANET, 1981, p.50)

Em resumo, restabelecer a relação com a experiência histórica é dar a palavra ao Mal Estar (Autoritarismo) e o(s) sofrimento(s) brasileiro (racismo, machismo e o mandonismo principalmente), e constituir os como narrativa (sentido histórico), esse exercício parte de uma elaboração histórica que possa romper com a indiferença diante de um presente como expressão da barbárie construída há 520 anos (“o sempre foi assim é rompido e transformado em algo que possa ser – potência transformativa”).

Essa pobreza da experiência afeta a experiência privada, mas também a do gênero humano .... Surge dessa forma um novo tipo de barbárie ... Não se deve concluir, da ideia da pobreza da experiência, que o homem esteja ávido por uma nova forma de experiência. Não, ele está ávido, ao contrário, por libertar-se das experiências, por encontrar um novo meio ambiente em que sua pobreza, externa e também interna, possa afirmar-se de forma tão pura e tão clara, que algo de valioso possa derivar dela ... Estamos mais pobres: Abandonamos, fragmento por fragmento, o patrimônio hereditário da humanidade, empenhando-o, às vezes a um centésimo do seu valor, para obter em troca a pequena moeda da atualidade ... Em seus edícios, imagens e narrativas, a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. (BENJAMIN apud ROUANET, 1981, p.53)

Restabelecer a relação do sujeito com a experiência histórica e pensar em reconstituir a narrativa de outra forma (dizer de outra maneira). É oportunizar de que possamos restituir os esquecidos da história. Transformando a Ciência Histórica em um locus de dialética e dialógica. Sóciohistoricamentepodemos vislumbrar que o ensino de História possa possibilitar aos sujeitos uma outra perspectiva de experiência (individual e coletiva), ou seja, *transformar a pobreza de experiência em uma nova experiência*.

*Conclusão: o Ensino de História como um lugar de escuta*

ChristianDunker, em seu livro “Paixão pela Ignorância: escuta e educação” (2020), defende em seu capítulo nove a Sala de Aula como Situação de Risco, e como tal um lugar aberto, lugar de erro, de desencontro e principalmente de relação.

Tomo esse título como representação do que esse trabalho buscou a refletir sobre a relação da Psicanálise com a História pode auxiliar-nos desenvolvimento da ciência histórica teórico e didaticamente. O ensino de História que objetive proporcionar o sujeito o desenvolvimento da conscientização de sua condição histórica ou de historicidade, quando ele se percebe com um ser temporalizado.

O professor de história precisa ter a compreensão, que este lugar “é uma ética, não uma técnica ou ferramenta” (DUNKER, 2020, p. 15) e como tal é estar em uma posição de

humildade – ignorância em relação de como a historicidade individual dos alunos opera e se relaciona com o coletivo.

uma relação potente com o não – saber, ou com o ainda – não – sabido. [...] Para fazer isso será preciso produzir-se uma paixão, a paixão de manter -se em relativa ignorância sobre o sentido, a intenção ou o significado do que o outro diz. (DUNKER,2020, p.16)

O lugar de não saber, é o lugar da escuta, dar a palavra ao aluno e, com isso, pode ele dar vazão ao que lhe atormenta, ou seja, ele pode dar a palavra ao que lhe faz sofrer. A partir disso, iniciar um processo, no qual, professores, partindo da escuta, se propõem a dialogar sobre a tal situação perspectivado por uma intencionalidade temporalizada, o sofrimento pode ser tomado como uma representação da relação do sujeito com a experiência histórica traumática do Brasil.

Repensar por essas premissas teóricas a função do ensino de história, onde na escuta os alunos narram suas experiências e as articulam com as experiências coletivas dentro do fluxo temporal, com isso pode desenvolver a consciência de sua historicidade (consciência histórica) e com isso podem se abrir para um futuro de mudança, é nesse sentido que a psicanálise pode auxiliar na reflexão História (ciência e ensino).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Suely, LEITE, Nina Virgínia de Araújo, RAMOS, J. Guillermo Milán (orgs). *A historicidade não é o que se espera*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2017.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CERRI, Luis Fernando. *Ensino de História e Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma Releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*. São Paulo, v. 23, n. 1, p. 115-136.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-estar, sofrimento e sintoma. Um Psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015.

FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil (“o Homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. (Obras Incompletas). Belo Horizonte, 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. 2ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

GAGNEBIN, *Jeanne Marie*. *Limiar, aura e rememoração*. Ensaio sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado*. Contribuições a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

KOSELLECK, R. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Márcio Seligman. *História, memória, literatura*. O testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

PÁGINA VISITADAS

<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/sempre-fomos-autoritarios-diz-lilia-schwarcz/>.

Acesso em: 8 ago. 2020.

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/06/01/brasileiro-abandonou-mascara-de-cordial-e-assumiou-sua-intolerancia-diz-lilia-schwarcz.htm>(visitado. Acesso em: 6 ago. 2020.